

Magia Pura & Negra

Debi Gliori

Da Autora:

“Diz-me como é ser Grande”, ilustração
“Pinguim Carteiro”, texto e ilustração

Minutos de Leitura

Título da edição original:
"Pure Dead Magic"
Uma edição de: Doubleday, 2001
uma divisão de Random House Children's Books,

Texto e ilustrações: © Debi Gliori 2001
© Minutos de Leitura - Edições, Lda 2003
Todos os direitos reservados

Tradução de Joana Fidalgo

ISBN 972-793-033-6

Impresso em Viseu por
Tipografia Guerra, em 2003

Depósito Legal n.º:

Para a minha Família e Outros Monstros

Com sinceros agradecimentos
ao Conselho Escocês das Artes
por ter «mantido o lobo à porta»
e à belíssima costa da Escócia
por me ter proporcionado a inspiração

Minutos de Leitura - Edições, Lda.
Rua D. Pedro V, 60 - 1.º Dto.
1250-094 Lisboa — Portugal
Tel.: (351) 21 324 31 30; Fax: (351) 21 324 31 39
geral@minutosdeleitura.pt
www.minutosdeleitura.pt

Índice

O candidato ideal.....	11
Latch, o mordomo.....	16
Flora é contratada.....	20
Um pouco mais sobre a Damp.....	29
Onde estarei?.....	35
Ratos electrónicos.....	38
A aposta.....	43
As criaturas da cave.....	48
Os aracnídeos do sótão.....	52
Em casa com os di S'Embowelli.....	58
De boca fechada.....	66
Noite fora.....	76
... E noite dentro.....	79
Magia para principiantes.....	84
Um pouco da história da Família.....	88
O regresso dos ratos electrónicos.....	96
A Damp na Internet.....	103
Pronto procura ajuda.....	109
Um pequenino chá quente.....	118
Uma aranha com atitude.....	122
Boas-vindas calorosas.....	127
Revisitando o chá quente.....	132
Tarantella resolve o problema.....	139
Uma parte violenta.....	144
Magia no congelador.....	149

Uma coisa má a caminho.....	155
Meio quilo de carne.....	160
Estás frito!	164
A música da gaita-de-foles	170
A vingança do cházinho quente.....	175
Um vendaval com cheiro a biscoito	180
Fim do jogo	187
Um pouco de confusão	195
Uma simples mudança de Destino.....	203
Desfazendo a confusão	207
O sabor do Verão.....	212
Nadando com o crocodilo	218

Dramatis Personae

A FAMÍLIA

TITUS STREGA-BORGIA – O herói de doze anos
 PANDORA STREGA-BORGIA – A heroína de dez anos
 DAMP STREGA-BORGIA – A irmã deles, de catorze meses
 SENHOR LUCIANO E SENHORA BACI STREGA-
 -BORGIA – Pais dos três irmãos
 AVÓ STREGA – A bis-bis-bis-bis-bis-bis-bisavó
 (preservada criogenicamente) do Titus, da Pandora e da Damp

A AJUDA PRECIOSA DIFÍCIL DE ENCONTRAR

SENHORA FLORA MCLACHLAN –
 A ama do Titus, da Pandora e do Damp
 LATCH – O Mordomo
 MARIE BAIN – A cozinheira

OS MONSTROS

MULTITUDINA – Uma rata, mãe do Multitudes,
 e bichinho de estimação da Pandora
 TARANTELLA – Uma aranha com atitude
 SAB, FFUP E KNOT – Criaturas míticas que habitam
 nas masmorras do Castelo
 TOCK – Um crocodilo que habita no fosso do Castelo

A FAMÍLIA ITALIANA

DON LUCIFER DI S'EMBOWELLI BORGIA –
 Meio-irmão do Senhor Luciano Strega-Borgia
 DON CHIMERA DI CARNE BORGIA –
 Avô (já falecido) do Titus, da Pandora e do Damp
 PRONTO – Conselheiro de Don Lúçifer

*Qualquer semelhança com pessoas da vida real, vivas ou mortas,
 é pura coincidência. No entanto, a Autora gostaria que notassem
 a similaridade entre ela e a Tarantella.*

Extraído de
“Grandiosas casas Escocesas que não podes pagar”
(Junho 1987)

CASTELO STREGA, ARGYLL E BUTE

Esta propriedade, a cinco quilómetros da cidade de Little Highland em Auchenlochtermuchty (população 786), tem uma das vistas mais bonitas de Kyles of Mhoire Ochone. Situada no meio de 5 hectares de uma floresta muito antiga, e rodeada pela beleza selvagem da montanha Bengormless, a casa em si é especialmente bonita.

Foi construída no ano de 1400 d.C., segundo um modelo austríaco, tendo bastantes torres, um fosso (a única ponte existente, foi utilizada como lenha durante a crise de petróleo no ano de 1732) e umas masmorras exemplares, coisa rara neste tipo de propriedade.

Pertence à família Strega-Borgia desde 1645, altura em que o Senhor Malvolio di S’Enchantedino-Borgia a adquiriu, em vez de pagar renda, ao Senhor Campbell Caravanserus de Lochnagar-goyle. O seu nome charmoso e fora do comum, refere-se à parte da família Italiana e ao estilo alemão arquitectónico da casa.

(Dizem que ainda hoje se pode ver o fantasma da avó do senhor Malvolio a deambular pela garrafeira.



O candidato ideal

Da janela lá de cima espreitavam três pares de olhos. Os seis olhos observavam uma mulher que tentava atravessar o fosso, aparentemente sem saber da existência do terrível Tock, que habitava nas suas profundezas.

— É a terceira esta semana — disse uma voz.

— Quarta, se contarmos com aquela que o Tock comeu ao pequeno-almoço — disse a segunda voz.

O terceiro par de olhos piscou. Muito nova para falar, a dona deles perguntou-se se *esta* seria capaz de mudar fraldas e cantar canções de embalar apropriadas para adormecer uma bruxinha bebé.

Tendo avistado o crocodilo adormecido enquanto atravessava o fosso, a Sra. McLachlan subiu as escadas e sentou-se pesadamente numa estátua de um grifo que guardava a porta, olhando em seu redor. Ela remexeu na sua carteira, retirando de lá um recorte de

um anúncio de jornal e um par de óculos para ler. Pondo os óculos na ponta do nariz, começou a ler:

Precisa-se, com urgência, de uma ama cheia de energia para ajudar uma mãe de três crianças, Titus (12), Pandora (10) e Damp (14 meses). A candidata ideal tem de gostar de fazer limpezas, ter bons conhecimentos em canalização e veterinária, ter algum conhecimento em criogenia e saber fazer batatas fritas estaladiças por fora e moles por dentro. Horário e salário a negociar.

“Respira fundo, Flora”, disse a Sra. Flora a si própria. “Este é um trabalho perfeitamente normal, que não necessita qualquer tipo de especialidade mágica. Pensa como uma ama. Pensa em fraldas. Pensa em papas de bebé, em coelhos fofinhos e canções de embalar...” Ela dobrou o anúncio e colocou-o novamente na carteira. “Não queres esquecer o passado?” continuou ela. “Aqui está a oportunidade de o deixares para trás. A partir do momento em que passares por aquela porta, vais esquecer-te de que um dia foste uma feiticeira.”

Por cima da sua cabeça, a moldura de pedra da janela estava decorada com pequenos querubins aos pares e infestada de morcegos.

Lá em cima, no observatório, Titus e Pandora examinavam a nova ama no ecrã do computador. Damp gatinhou pelo chão poeirento, encontrando aqui e ali aranhas mortas, pondo-os logo na boca.

— Deixa-me ver — disse o Titus.

— Estou a ver a carteira dela agora; espera, vou rodar um pouco a câmara.

— Deixa-me ver — disse o Titus.

— Devias estar a tomar conta da Damp. Eu já tomei conta dela no sótão. É a tua vez... oh mano!

— O que foi?

— Ela tem as pernas peludas...

— Importas-te de não estares sempre a dizer-me as coisas aos bocados? DEIXA-ME VER.

— Ela parece-me nervosa, Titus, ora vê lá tu. Enfim, é compreensível.

Pandora levantou-se e deu a cadeira ao irmão. Titus pressionou as teclas e andou com o rato com a facilidade de um perito. No ecrã à frente dele apareceu logo, em grande plano, a cara da nova ama.

— Ela é *tão* velha — resmungou ele.

— Não é *tão* velha como aquela toda enrugada de segunda-feira. Lembras-te? Aquela que me chamou Pannetone e encheu a Damp de baton com os seus beijos?

— Bem, sempre era melhor que a outra, aquela medonha que se pôs a discursar sobre a importância da dieta para crianças em crescimento e que disse que, *se fosse* admitida, iria ter a certeza que nós comeríamos couves de Bruxelas e legumes todos os dias.

— Uma ama do inferno, o nosso pior pesadelo — disse Pandora.

— O que faz aquela «pernas peludas» lá em baixo? — disse Titus, deixando o *screensaver* aparecer. Uma legião de morcegos vermelhos esvoaçando sobre uma paisagem feita pelo computador apareceu em vez da candidata ideal que se encontrava lá em baixo.

— Vamos embora, malcheirosa — disse ele, pegando na irmãzinha bebé e abrindo a porta a Pandora.

— Ela *não tem*, ou tem? — disse Pandora olhando para Damp.

— Oh, sim, tens, não tens, mana horrível? Pffffff... — Titus segurou Damp nos seus braços: — Vamos lá conhecer a nova ama, está bem?

— Achas que nos devemos arranjar? Talvez farinha no cabelo? Baton a imitar sangue? Dentes afiados?

— Acho que sim — respondeu Titus, com pouco entusiasmo. — E ratos, também?

— Perfeito — disse Pandora por cima do ombro, já a correr pela escada abaixo, tapando o nariz. — Embora a fralda malcheirosa da Damp deva ser suficiente para pôr qualquer ama fora de serviço.

Titus seguiu-a escada abaixo, respirando pela boca. Abriu a porta da cozinha e espreitou. Entrevistar candidatas a amas tinha sido divertido a princípio — apresentá-las à rata grávida, Multitudina, à avó Strega congelada, a Tock o crocodilo, e a todas as outras criaturas de arrepiar que faziam parte da vida

do castelo —, mas depois de ter visto amas a ficar pálidas e a descontrolarem-se umas vinte vezes ou mais, a novidade deixara de ter graça, tornando-se mesmo desinteressante. Francamente, era uma chatice. As amas eram umas chatas. Assustá-las era uma maçada e ouvi-las a tentar agradar à família era uma super-chatice.

Titus olhou para Pandora, espalhando-lhe farinha pelo cabelo, para se prepararem para cumprimentar a nova ama.

— Temos *mesmo* que a conhecer? — perguntou Titus abrindo o frigorífico e olhando fixamente para a deplorável falta de tudo lá dentro.

— Se não a conhecermos — disse Pandora num tom de voz que usava para explicar grandes ideias a pessoas pequenas de pouca inteligência —, a mãe ainda vai acabar por contratá-la, e nós lá teremos de ficar com alguém tão horrível como aquela que disse: “por muito que me custe dizê-lo, as crianças precisam de ser espancadas de vez em quando, para bem delas.”

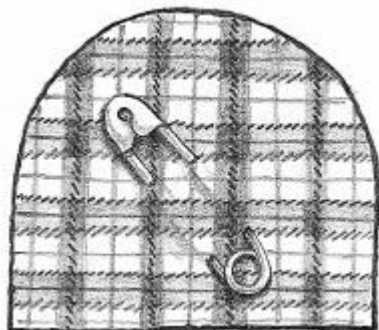
Titus bateu com a porta do frigorífico e pontapeou-o com força.

— Será que ela era tão má como parecia? — perguntou ele.

Pandora tirou a Damp do vaso com terra, espalhando uma mão cheia de farinha pela cabeça da bebé e sorriu para o irmão.

— Só o Tock pode responder a isso — respondeu ela.

Lá em cima a campainha tocou.



Latch, o mordomo

Com um som que lhe arrepiou os dentes, Latch tirou as correntes, abriu os ferrolhos, e rodou uma enorme chave numa fechadura ferrugenta.

— Tocou? — perguntou ele, dizendo o óbvio.

Latch gostava de se vestir a rigor como um mordomo clássico, com uma camisa branca, uma gravata e um colete preto. Admirando a sua figura no espelho, pela décima sétima vez naquela manhã, pensou em como o efeito da *toilette* ficava estragado pela visão dos seus joelhos peludos espreitando timidamente por baixo da saia escocesa de xadrez de proveniência incerta.

Ele coçou-se furiosamente, pois a sua saia escocesa tinha servido de cobertor a um cão sarnoso antes de se ter transformado num uniforme de empregado. Em todos os outros aspectos, o seu trabalho no Castelo como mordomo era perfeito, pois

dava-lhe um bom salário, permitia-lhe a utilização de um pequeno carro japonês, três quartos no sótão do castelo, tudo em troca de boas maneiras à porta, saber passar a ferro jornais, levar a correspondência numa bandeja de prata... e vestir aquela indescritível saia de lã.

Com um ar ameaçador, Latch abriu a porta. Da parte de fora encontrava-se uma mulher. Ela era de meia-idade, gorducha, carregava uma enorme e velha carteira de plástico e cheirava a lavanda.

— Bom dia — disse ela, percorrendo-o com o olhar desde os joelhos até aos olhos. — Tenho uma entrevista com a Sra. Borgia.

Latch fixou o olhar nela, esquecendo por momentos a sua boa educação. A mulher dizia os «R» como o ronronar de um gato ao pé da lareira e a sua voz soava a melgas, folhas a decompor-se e ovelhas emaranhadas no arame farpado.

Latch deixou-se transportar momentaneamente para o passado, para a sua juventude, voltando no entanto rapidamente para o presente.

— Vai ficar esgazeado a olhar para mim como uma ovelha tihosa ou vai deixar-me entrar? Menina?

Latch pigarreou, estremecendo ligeiramente e disse:

— Se a madama tivesse a fineza de me dizer o seu nome?

— Céus, miúdo, que pessoa pequena e pomposa você é. O meu nome é Flora Morag Fionn Mhairi ben McLachlan-Morangie-Fiddach. Senhora McLachlan, para vossa mercê. Agora vai deixar-me entrar? —

E empurrando Latch, entrou no enorme vestíbulo do castelo Strega.

Podia ver-se à luz do sol da manhã que a casa estava bastante negligenciada. Teias de aranha caíam do tecto, os candeeiros de cristal não brilhavam e envelopes vazios preenchiam o mármore vazio da lareira. Respirando um misto de aromas a cera de abelha, pelo de cão velho, lenha e fraldas sujas, a senhora McLachlan parou em frente de uma grande mesa repleta de contas, cartas, catálogos, uma colecção de trelas, cordas e correntes, e uma excessiva quantidade de coleiras de cão.

Latch fechou a porta da rua e, passando pela Sra. McLachlan, abriu a porta para a sala mais escura e triste do castelo Strega. — A sala de desencorajar, madama. Faça o favor de se sentar, que irei informar a Sra. Strega-Borgia da sua chegada.

Latch fez uma vénia à Sra. McLachlan na pequena e apertada sala e fechou a porta retirando-se.

— Uma McLachlan-Morangie-Fiddach! — resmungou ele entre dentes. — Provavelmente até trouxe o próprio *kilt*.

Assim que ouviu os passos do mordomo afastarem-se ao longo do corredor, a Sra. McLachlan olhou para o único sitio onde se podia sentar na sala de desencorajar. Era um sofá com um aspecto tão pouco acolhedor como se tivesse arame farpado à sua volta, grandes placas a dizer NÃO SE APROXIME e um par de cães de guarda Dobermann. A Sra. McLachlan esperou. Algures um relógio bateu as horas. Longe dali, um telefone tocou várias vezes e parou.

A Sra. McLachlan tocou numa almofada do sofá e suspirou. Apesar da sua recente promessa, esta era uma das alturas em que um pequenino passe de mágica iria facilitar a vida a toda a gente. Com um olhar furtivo à sua volta, para ter a certeza de que ninguém poderia ver o que estava prestes a fazer, abriu a carteira. Bem lá do fundo retirou uma pequena caixa em acrílico. Abriu uma fechadura secreta e um minúsculo ecrã com um teclado por baixo apareceu.

Olhando rapidamente por cima do ombro, ela mordeu a língua para ajudar a concentração e escreveu P.R.I.M.A.V.E.R.A., pressionou uma tecla com o nome de LIXO, reescreveu a palavra P.E.N.A. D.E. G.A.N.S.O. e pressionou a tecla SUBSTITUIR. Depois fez pontaria para o sofá e desprendeu a língua dos dentes.

Ouviu-se um barulho parecido com alguém a levar com um enorme murro no estômago. Uma espécie de *wuuuffffff*. O sofá ficou com a aparência de ter sobrevivido a uma luta com um campeão de pesos pesados de boxe. O sofá retorceu-se, amolgou-se, encolheu-se. Se não fosse um sofá, poderia ter tossido e cuspidos alguns dentes. Agora já parecia um sofá em que nos poderíamos sentar sem qualquer problema.

A Sra. McLachlan sorriu. Ela guardou a sua caixa em acrílico na carteira e sentou-se pesadamente no sofá. O sofá rendeu-se. Algures, um relógio bateu um quarto de hora.



Flora é contratada

— **F**ica quieta — disse Titus.
— É o que estou a tentar fazer — disse Pandora —, mas a Damp quer agarrar o baton... Não! Damp! Cospe *já* isso! Olha para ela Titus, parece que caiu lá do alto e usou os lábios como travões. Oh, Damp não te babes...

— Que bebé mais horrível — disse Titus carinhosamente. — Acho que está perfeita para uma caçada à ama... Não estás, Damp?

Titus chegou-se um pouco para trás para apreciar o efeito. Damp fez beicinho.

— E agora começou a chorar... bem te disse que ia ficar perfeita — disse Titus, rindo-se da sua imagem no espelho.

Pandora pôs Damp ao colo e deu-lhe uma bolacha meio comida. Parando de chorar com a aparição

de comida, Damp olhou para a sua irmã mais velha e depois para Titus.

— Estás *horrorosa* — disse Pandora, aprovando.

Titus, com um sorriso trocista, ajustou rapidamente os seus dentes de vampiro fluorescentes, passou a mão pelo cabelo gorduroso e pôs a capa à volta do pescoço.

— Isto deve servir para a assustar — disse ele.

— Menos uma ama — concordou Pandora. — Pega na pequena malcheirosa enquanto eu arranjo o meu véu.

Ela passou a bebé ao irmão e começou a tapar a cabeça e os ombros com um velho tecido de linho. Damp tentou agarrar os dentes de vampiro de Titus.

— Chega-te para lá, está bem? — disse Pandora empurrando-o suavemente. — Pára de monopolizar o espelho.

As três crianças olharam para o seu reflexo no espelho. Do espelho, três pequenos vampiros devolveram o olhar.

— Preparadas?

Titus embrulhou cuidadosamente Damp na sua capa e abriu a porta da cozinha.

— *Apanhei-te!*

Pandora apanhou rapidamente algo de cima da mesa da cozinha e meteu-a dentro do seu vestido num instante.

— É o que eu estou a pensar? — gritou Titus. — Oh, Pandora és tão *má*.

— Pois sou — disse Pandora deslizando para fora da cozinha num rodopio. — Esperemos que a nova ama também pense o mesmo.

Latch ficou que nem uma estátua dentro da sala de desencorajar, olhando desaprovadamente a sua patroa, a Sra. Strega-Borgia, cair nos encantos da Sra. McLachlan (“*pode chamar-me Flora, querida*”).

A Sra. Strega-Borgia estava encantada. Finalmente uma pessoa *normal*. Uma pessoa cujo dia seria preenchido a fazer papas de bebé, a mudar fraldas, a cantar canções de embalar e a contar histórias de famílias felizes ou coelhinhos fofinhos. Histórias em que a mãe coelho não fosse uma aprendiz de bruxa, e o pai coelha não tivesse saído da toca prometendo nunca mais voltar...

Há três semanas atrás, seu marido, o Sr. Strega-Borgia, tinha saído num de casa rompante após uma acalorada discussão e, desde então, o castelo Strega tinha ficado envolto num véu de escuridão. Apesar do facto de a escola estar fechada no Verão, as crianças tinham-se tornado rapidamente muito rebeldes, o pessoal tornou-se carrancudo e toda a gente passou a comunicar por grunhidos monossilábicos. O pó e as teias de aranha começavam a acumular-se, dando ao castelo um aspecto desleixado. Parecia que tinha descido uma cortina de nevoeiro sobre a casa. Tudo estava cinzento e todos os dias pareciam ser segundas-feiras.

A Sra. Strega-Borgia fungou e olhou cheia de esperança para a mulher à sua frente. E ali, agora, ves-

tindo um saia-casaco de fazenda e sapatos confortáveis, sentava-se a possível salvadora. Aqui estava a ama McLachlan, que tinha trazido com ela uma lu-fada de ar fresco da montanha, um tornado capaz de fazer desaparecer todo o pó e as teias de aranha, de pôr novamente um brilhozinho nos olhos das crianças e tornar a colorir as suas vidas. Ou, pelo menos, seria capaz de preparar um prato de batatas fritas de maneira a não fazer engasgar as crianças...

O som de um forte respirar através da fechadura interrompeu os pensamentos da Sra. Strega-Borgia.

— Latch, importa-se de deixar as crianças entrar? Acho que está na hora de conhecerem a sua nova ama.

Latch abriu a porta num rompante e Titus, Pandora e Damp caíram para dentro da sala de desencorajar, estragando os seus planos para ouvirem toda a conversa atrás da porta.

— *Sai* de cima de mim — gritou Pandora —, estás a estragar o meu véu.

— Os meus dentes ficaram *presos* no teu estúpido véu, larga a minha capa!

Esmagada, por baixo dos irmãos que brigavam, Damp começou a chorar convulsivamente.

— Pobre pequenita — disse uma voz —, será que vem a mim? Pronto, bichinha, o que é isto espalhado pela tua cara? Oh, em que estado tu estás.

A Sra. McLachlan colocou Damp no seu colo, encostou-a docemente ao seu peito e afagou o seu cabelo. Damp sentiu-se segura. Apagou o baton da

boca ao chuchar no dedo, afundou-se bem naquele peito, e adormeceu rapidamente.

“Diabos”, pensou Latch. “O emprego já é dela.”

— Nunca tinha visto a Damp fazer isto antes — disse a Sra. Strega-Borgia com admiração. — Muito obrigado, Sra. McLachlan. Bom, Titus, Pandora, desenvencilhem-se e venham conhecer a vossa nova ama. Esta, meus queridos, é a Sra. McLachlan.

— Olá — disse a Pandora com um ar desinteressado.

— És a noiva do Drácula? — perguntou a Sra. McLachlan. — É um fato muito bonito, querida, mas sabias que tens um rato bebé a passear pelo teu vestido?

— Por amor de Deus, Pan! — gritou a Sra. Strega-Borgia perdendo a calma. — Não me digas que deixaste a Multitudina sair com a sua ninhada outra vez! Quantas vezes tenho que te dizer que não gosto que os roedores andem à solta...

— Não comeces, mãe — resmungou Pandora.

— Conde Drácula — interrompeu a Sra. McLachlan. — Parece-me que já compuseste os teus dentes? Já estão postos no lugar? Será que te veremos a dar umas dentadinhas mais logo?

— Muito engraçada — resmungou Titus, olhando para os sapatos para evitar o olhar da intrusa.

— Titus... — avisou a mãe.

Muito devagar, como se estivesse a passar por cima de melaço, com raquetes de ténis calçadas nos pés, Titus arrastou-se, atravessando o tapete e estendeu a mão com as unhas todas roídas. A mão da Sra.

McLachlan transmitiu-lhe firmeza e confiança. Era definitivamente melhor que os apertos de mão escorregadios e nervosos que Titus tinha sido forçado a dar a outras candidatas ultimamente. Ele arriscou um olhar rápido. O olhar da Sra. McLachlan cruzou-se com o dele e imediatamente ela sorriu abertamente. Titus cerrou os olhos com força e mentalmente prometeu nunca crescer. Ele retirou a mão e utilizou-a para compor os dentes que caíam.

— Quando poderia começar, Sra. McLachlan? — perguntou a Sra. Strega-Borgia.

— Já comecei, *querida* — disse a Sra. McLachlan dando palmadinhas no rabo da Damp que dormia profundamente.

— E as suas roupas? E objectos pessoais?

— Oh, não se preocupe comigo, querida. Tenho tudo o que preciso na minha carteira.

“Cheira-me a esturro”, pensou Latch, “ninguém viaja com tão *pouca* coisa.”

— Então, é assim? — perguntou Pandora. — Nem vais ao menos perguntar se *nós* gostamos dela?

— Bem podias ter perguntado, sabias? — acrescentou Titus, em tom de crítica. — Eu sei que não somos nós que lhe pagamos nem nada, mas a nossa opinião também conta, ou não?

— *Nós* é que temos que passar o tempo todo com ela, enquanto *tu* desapareces na tua vassoura de bruxa para o Instituto Avançado de Feitiçaria, ou qualquer coisa assim no género — resmungou Pandora, deitando um olhar fulminante à mãe.

A Sra. Strega-Borgia suspirou. Titus e Pandora tinham-se tornado muito impliquentos desde que o pai tinha saído de casa e, embora a Sra. Strega-Borgia se estivesse a habituar às suas más-educações, ficava sempre embaraçada com as suas discussões à frente de estranhos, mesmo que esses estranhos a tivessem convidado a chamar-lhe Flora.

— Latch, poderia mostrar o quarto das crianças à ama enquanto eu falo com os meus filhos? Desculpem-nos por um momento, Sra. McLachlan.

— Chame-me Flora, querida.

Seguindo atrás do trilho da mãe, Titus e Pandora foram pelo corredor para o jardim da cozinha. Os pássaros cantavam, as abelhas zuniam e o cortador de relva ao longe trabalhava com dificuldade dando pequenas explosões. A claridade provocada pelo sol que brilhava fez com que Titus semicerrasse os olhos numa expressão de fúria. “Ela vai dizer-nos que os tempos estão difíceis”, pensou Titus. “Outra vez. E que todos nós temos que fazer cedências. Outra vez”.

Pandora olhou para o seu ratinho bebé, ainda sem pêlo, que tinha retirado do seu vestido. “Aposto que a tua mãe não *te* arrasta para o jardim para ter uma conversa com as crianças”, pensou Pandora, “aposto que apenas te morde a orelha e te diz para continuares a roer os fios eléctricos.”

— Têm de ser assim tão desagradáveis? — Sussurrou a Sra. Strega-Borgia. Quando viu que não obtinha resposta, meteu as mãos bem fundo nos bolsos e retirou uma tesoura de podar. Pegando numa inocente árvore, continuou. — Com todas as amas...

— *SNIP!* — Nem um sorriso, nem uma tentativa para serem civilizados — *SNIP!* — Deixaram bem claro... — *SNIP!* — que preferiam que caíssem todas mortinhas da silva. — *SNIP!* — O que tem esta de tão horrível?

— Ela é... velha? — perguntou Titus

— A avó Strega também é — argumentou a Sra. Strega-Borgia, atacando a árvore com renovada força.

— Mas ela está no congelador e faz parte da família — disse Titus tentando desesperadamente encontrar mais razões para não contratarem a Sra. McLachlan. — E, além disso, a Sra. McLachlan é uma *chata*. Ela não vai perceber nada de computadores e deve pensar que a magia é alguma espécie de limpa-fornos.

— Precisamente — afirmou a Sra. Strega-Borgia, abanando a sua tesoura para dar mais ênfase. — A *última* coisa que esta família precisa é de uma ama feiticeira ou de uma ama informática. O que nós precisamos é de um ama normal, uma do género para-a-cama-às-nove-horas e escovem-os-dentes-uma-dúzia-de-vezes. E é *isso* que vamos ter.

— Eu não quero uma ama — disse Pandora, numa voz sumida. O rato bebé guinchou. Grandes gotas de água estavam a cair-lhe em cima do corpo ainda sem pêlo. — Eu não quero que saias para trabalhar. Não quero que tu e o pai se divorciem. Quero que tudo fique como era antes...

Titus vagueou com o olhar. Pandora expressara o seu pior medo — Ela *dissera* mesmo a palavra D. Ele torceu o nariz e a sua visão ficou turvada. Ninguém tinha mencionado a palavra divórcio antes... Ele fez

um sinal quase imperceptível à sua irmã para parar. Fosse o que fosse que ela estivesse a dizer, ele não queria ouvir.

— Oh, minha pobre Pan — disse a Sra. Strega-Borgia, abraçando a sua filha e dando a mão a Titus. — Eu sei que este é um mau momento para os dois. Vocês estão a sentir imenso a falta do vosso pai...

Pandora olhou para a cara de sua mãe. Numa voz que se adivinhava não ter qualquer esperança, perguntou: — E *tu* sentes a falta do pai?

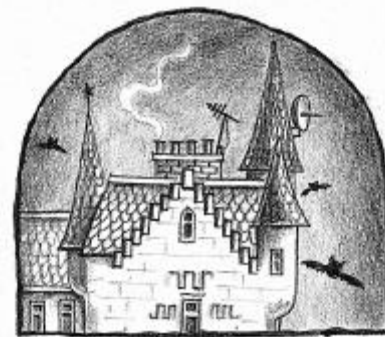
Titus quase que congelou. Pandora fizera-o novamente. De alguma maneira ela conseguiu entrar no pensamento dele e tocar no assunto que ele não queria nem saber, quanto mais *falar*. Ficou sem respiração.

A cara da Sra. Strega-Borgia ficou lavada em lágrimas, e muito angustiada.

— Sim — sussurrou ela —, em todos os momentos do dia. Em todos os instantes...

O seu auto-controlo transformou-se numa explosão de soluços incontrolados.

Titus respirou de alívio. Os olhos de Pandora brilharam. A Sra. Strega-Borgia abraçou fortemente os seus filhos, e imediatamente quatro braços a apertaram com força, dando-lhe palmadinhas nos ombros, afagando-lhe a face e enxugando-lhe as lágrimas. Disfarçadamente, o ratinho bebé tentou a fuga, guinchando contra os humanos com fugas de água.



Um pouco mais sobre a Damp

A Damp estava impressionada. Esta nova ama conseguia trocar uma fralda suja, cantar afinadamente canções de embalar (mesmo a mexer-se) e não a babava quando lhe dava beijinhos. Ela via a Sra. McLachlan dobrar as fraldas e a roupa e reparava, aprovando, na organização da nova ama. Os ursinhos de peluche eram arrumados cuidadosamente nas prateleiras, os livros eram arrumados por ordem decrescente de altura e todos os brinquedos partidos eram guardados num cesto para serem arranjados. A barriguinha dela estava cheia, a fralda seca e a cabeça cheia de histórias recentemente contadas. Agora, a Sra. McLachlan estava sentada num canto soalheiro do quarto, a remendar meias.

De modo a não ser vista, a Damp gatinhou propositamente para a carteira da Sra. McLachlan. Ela